

A MASSIFICAÇÃO DO FUTEBOL NATALENSE E O SURGIMENTO DE UMA NOVA ESTÉTICA DO TORCER

Victor Gabriel Campêlo Assunção¹

O presente texto tem como propósito de fazer um balanço das questões postas no nosso projeto de mestrado aprovado no processo de seleção 2010 do Programa de Pós Graduação em História da UFRN, com área de concentração em história e espaços cujo título é *As multidões entram em campo: territórios e fronteiras de atuação futebolística na cidade do Natal (1960-1972)*. Estão esboçadas na narrativa algumas possibilidades analíticas que pretendemos trabalhar a partir do nosso problema norteador e dos objetivos que pretendemos alcançar.

Temos por objetivo analisar as representações acerca da produção de identidade espaciais construídas a partir das práticas dos diversos atores relacionados futebol na cidade do Natal no período de 1960 a 1972. Assim partimos da perspectiva de pensar a construção de identidades futebolísticas dentro da inter-relação que estas mantêm com a construção e a reprodução dos espaços urbanos, com as hierarquias, representações e imaginários que estes produzem.

Além disso, temos em vista, pensar as possibilidades que tal esporte apresenta no acesso a vida política e cultural da cidade. Nesse sentido se faz necessário pensar a prática esportiva enquanto elemento construtor de uma cultura política específica e envolvida nas dinâmicas de uma cultura política dominante no período.

Por fim consideramos que a nossa proposta analítica de pensar a prática esportiva – abarcando nesse conceito as mais diversas atividades operadas em torno do esporte, sejam elas: jornalísticas, gestoras, atléticas, torcedoras – em sua relação com a construção de uma espacialidade urbana e de uma cultura política permite entender quais sensibilidades e imaginários circulavam na cidade, e em como estes davam sentido as experiências da vida urbana.

Construindo identidades na periferia do futebol

As discussões em torno da problemática do processo de popularização do futebol

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

no Brasil e da construção deste esporte enquanto símbolo da nacionalidade se apresenta desde o primeiro esforço analítico dos que se propuseram², e dos que ainda se propõe, a pensar este esporte enquanto espaço de desenvolvimento significativo da experiência sociocultural brasileira.

Passado o primeiro momento, esforço pioneiro de construção de generalizações necessárias à definição do objeto, torna-se preeminente a necessidade de pensar a construção de identidades futebolísticas dentro de suas procesualidades históricas específicas. Nesse sentido os estudos de caso de sociedades que estão e estiveram à margem dos grandes centros de disputa do esporte apresentam grandes possibilidades analíticas na medida em que relativizam marcos consagrados e dão espaço para o surgimento de outros tempos históricos.

O discurso historiográfico que toma as décadas de 1920 e 1930 e a questão do preconceito racial e de classe que cercam a disputa em torno do estatuto do futebol enquanto problemática privilegiada para pensar a popularização do esporte no Brasil, não dá conta de explicar a diversidade de caminhos que tal processo tomou no país.

O processo de popularização do futebol e sua transformação em esporte de massa se encerram para além da disputa em torno da constituição de uma classe profissional de especialistas relacionados ao jogo – sejam eles jogadores, técnicos, jornalistas etc. A inserção das camadas populares no futebol deve ser entendido na forma como este é apropriado, recriado e resignificado pelos variados grupos que passam a fazer uso do esporte (TOLEDO, 2001).

Em consonância com tal perspectiva partimos do modelo proposto por Roger Chartier para uma História Cultural (CHARTIER, 1990), que considera essenciais na análise das dinâmicas sociais tanto as práticas materiais quanto as práticas de representação. Além disso, tal abordagem permite pensar as identidades e as filiações construídas em torno do esporte dentro da pluralidade de sentidos simultâneos construídos.

No caso específico da cidade do Natal consideramos inviável pensar em práticas de apropriação simbólica ou material do futebol empreendidas por outros atores sociais que não aqueles circunscritos em torno de uma elite e em torno das representações que esse grupo construiu para a prática esportiva em um período anterior ao encerramento da II Guerra Mundial. Nesse sentido consideramos que só é possível pensar em popula-

² Destaco aqui os esforços do professor Roberto da Matta na organização do livro pioneiro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* (DA MATTA, 1982).

rização do futebol e em futebol de massa a partir de um crescimento urbano significativo e a partir de um reajuste nas relações do poder político operado dentro das dinâmicas de uma cultura política específica que repensará e redefinirá o papel das classes populares dentro da vida social e cultural brasileira.

Como é possível ser esportivo na Natal da década de 1960?

Partindo da pergunta que faz Pierre de Bourdieu em um texto clássico e provocador, de como é possível definir uma *esportividade* e a maneira de estudá-la – delimitando assim um objeto e um campo de investigações nas ciências sociais, o fenômeno esportivo moderno – me pergunto e pergunto aos meus interlocutores no passado: Como é possível ser esportivo na Natal da década de 1960?

Apesar das limitações da abordagem em questão para o entendimento do fenômeno esportivo – notadamente, a oposição entre o caráter lúdico dos jogos versus o caráter profissional dos esportes, além da separação estaque entre os atores (atletas) e os seus consumidores (torcedores) operada no esporte moderno – Bourdieu provoca o questionamento sobre a existência de uma especificidade do campo esportivo:

Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os "produtos esportivos", isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? (...) como se produz a demanda dos "produtos esportivos", como as pessoas passam a ter o "gosto" pelo esporte e justamente por um esporte mais que outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? (BOURDIEU, 1983, p. 136)

Respondemos positivamente a tal pergunta e consideramos que além de uma lógica própria o futebol produz um campo de atuação específico, apresentando regras de atuação que reintroduzem as hierarquias sociais em uma lógica configuracional própria. No entanto é necessário ter em conta que pensar uma determinada esportividade, ou uma cultura esportiva de determinada sociedade – como chamaremos daqui em diante – pressupõe pensar também as relações que o campo esportivo mantém com os outros âmbitos da vida material. Nessa perspectiva nos são interessantes as ideias dos sociólo-

gos Norbet Elias e Eric Dunning, que propõe considerar o caráter mimetizante que esporte e o lazer mantêm com outros aspectos da vida material:

(...) atividades em todas estas esferas, relacionadas ao lazer (grifo nosso), parecem despertar emoções de um tipo específico que estão fisiologicamente relacionadas às emoções que as pessoas sentem no curso normal de suas vidas, em atividades outras que não de lazer, e em situações seriamente cruciais, mas que são socialmente e psicologicamente diferentes delas. (DUNNING, 2003, p. 23)

Disto isso, reelaboro a pergunta inicial dando-lhe um caráter mais metodológico: Como é possível pensar uma cultura esportiva na Natal da década de 1960? Consideramos que grande parte da resposta está na abordagem que propomos: para pensar a construção de uma memória e de uma identidade do futebol natalense se faz necessário entender a construção de uma determinada cultura esportiva e as relações que esta empreende com uma determinada identidade urbana e com uma determinada cultura política.

Durante a década de 1960, Natal vê surgir uma nova cultura esportiva – que está ligada diretamente ao processo de evolução dos esportes modernos (BOURDIEU, 1990) em que profissionalização, massificação, especialização cada vez maior de uma classe de profissionais ligados ao esporte (jornalistas, empresários, predadores físicos, fisiologistas etc) e a inserção do Estado a partir de uma política pública de esportes são processos em forte ascensão.

È neste período que se constrói uma memória e uma identidade do futebol potiguar centradas em Natal – não tanto por conta de uma influência dos clubes no interior do estado do Rio Grande do Norte, coisa que os times natalenses efetivamente não conseguiram até o presente – mas por outro lado, o processo que transforma futebol potiguar em sinônimo de futebol natalense passa a ser bastante presente no discurso da imprensa esportiva, da Federação, dos dirigentes políticos e dos dirigentes dos maiores clubes da capital. Neste momento Natal se propõe ser o centro de referência identitário do futebol potiguar.

Se é verdade que “um dos elementos essenciais para a dimensão simbólica das imagens do urbano: a necessidade de atribuir significados rituais e míticos às coisas e às práticas sociais” (PESAVENTO, 1999, p.17), do mesmo modo a prática esportiva também se reveste de tons míticos e rituais.

Pensar a difusão do fenômeno futebolístico no Brasil é em grande medida acompanhar como esse esporte se insere no processo de desenvolvimento das cidades, é pensar em que medida os novos atores sociais que adentram a cidade vão se inserir também no esporte. Assim grande parte do imaginário, das representações, dos anseios, e das vontades produzidas pelo a para o campo esportivo são partilhados pelo imaginário, pelas representações, pelos anseios e pelas vontades produzidas para e pelo espaço urbano.

Para penetramos as imagens e representações do futebol natalense, necessitamos entender qual contexto de produção estas se inserem, e como tais imagens e representações esportivas são partilhadas por outros espaços que não estão ligados diretamente ao campo esportivo.

Uma questão fundamental passa a interferir nesse período na dinâmica da própria cidade, de seus espaços e de seus atores sociais, vemos surgir uma cidade massificada, tal questão produz uma mudança significativa nos mecanismos do torcer e na relação entre torcedor e clube.

As multidões entram em campo

A partir do fim da II Guerra Mundial um novo panorama urbano se descortina na cidade do Natal. De 1940 a 1970 Natal quintuplica em população (SOUZA, 1976); são produzidos e incorporados à cidade os subúrbios e com eles novos atores sociais adentram a cidade.

É neste momento que se confere uma grande centralidade a categoria povo dentro dos dois maiores clubes da cidade através dos hinos compostos por Claudionor Batista de Oliveira o Dozinho (que suplantam em popularidade os hinos oficiais, e constroem uma determinada memória destes clubes) para o Abc FC (1962): “Abc clube do povo, o campeão das multidões”, “Eu me orgulho, em ser da terra potiguar quando vou para o gramado ver o Abc jogar”; e América FC (1956): “Vai conquistando o coração do povo no jogo”; neste período.

Se dentro do projeto indentitário do Abc FC o papel das multidões é claramente mais explícito, por outro lado o América FC se insere no novo imaginário esportivo com a inauguração da sua nova sede social na Rodrigues Alves em 1966, aqui as elites e

as multidões se esbaldariam durante festas e durante os carnavais transformando o América na “Babilônia da Rodrigues Alves”³.

Consideramos que parte desse esforço de integração além de dizer respeito à construção de um novo imaginário da cidade e do esporte, passa também por questões que envolvem uma cultura política do período, e que tem a ver com o movimento de circularidade destes temas e imagens, no âmbito local e nacional.

Uma nova possibilidade surge com a construção do estádio João Castelo Branco “Castelão” (Atual João Machado “Machadão”) em 1972, é possível agora arregimentar em uma única partida de futebol mais de 15%⁴ (CARDOSO, 2006) da população da cidade do Natal. Surge na cidade um novo e significativo espaço de representação cultural, e para nós se apresenta uma excelente fonte de análise de práticas sociais que se fazem representar na própria prática do torcer, que envolvem uma lógica hierárquica, códigos de ação específicos e a construção de símbolos próprios que mantêm uma circularidade com o próprio imaginário da cidade.

Assim nossa abordagem propõe seguir os rastros da construção das identidades do futebol natalense, que se materializam no projeto de inserção dos dois maiores clubes da cidade dentro de um imaginário urbano que se descortinava e no projeto de construção do estádio Castelão. Entender tais projetos, que são também propostas de identidades, se faz possível a partir da desconstrução destes objetos. Seguir os rastros dessa identidade nos possibilita desnudar os sentidos da operação que transforma o campeonato natalense em campeonato potiguar e o povo em multidão torcedora.

Essas questões envolvem uma mudança significativa na própria fruição estética do espetáculo futebolístico e nas várias sensibilidades que este mobiliza. Uma partida de futebol implica na participação de vários personagens – empreendem uma dinâmica operacional própria envolvendo estratos diversos até mesmo no interior da torcida de

³ A construção da sede social da Rodrigues Alves demandou grande esforço por parte da direção do América que se licenciou campeonato da cidade enquanto a sede estava em construção entre os anos 1960 e 1965, retornando ao campeonato no ano seguinte.

⁴ Everaldo Lopes estima que a inauguração do Castelão, que contou com a partida preliminar entre Abc x América e a partida principal disputada entre a Seleção Brasileira de Novos x Vasco da Gama, tenha levado um público total de 43 mil pessoas e um público pagante de 37.346 pessoas. O senso da cidade do Natal para o ano de 1970 feita pelo IBGE apontava uma população de 270.127 (BRASIL. Sinopse preliminar do senso demográfico, 1970: IBGE).

uma mesma agremiação – possibilitando a formação de uma diversidade de matizes sensíveis entre os diferentes participantes do evento.

A partir da análise dos projetos arquitetônicos referentes ao Estádio Castelão é possível também analisar como se aplicam os saberes urbanos na cidade. Partindo de um discurso fundado na técnica tais documentos nos possibilitam ver também, quais as intencionalidades inseridas na ordenação dos espaços em torno da construção dos aparelhos urbanísticos em questão.

Se o projeto de construção de um grande estádio que possibilitaria assistir à nova e numerosa população da cidade permitiu juntar os esforços de políticos de posições tão disparees como Dinarte Mariz, Djalma Maranhão, Agnelo Alves, Ubiratan Galvão e Cortez Pereira⁵ demonstra que tal projeto ia de encontro aos anseios dos dirigentes políticos do estado e se inseria nas dinâmicas da cultura política da época, e se a memória desta realização é objeto de disputa entre estes vários grupos até hoje, demonstra qual a magnitude das representações que estão postas em torno do espólio simbólico e político do “poema de concreto”⁶, ao qual pretendemos analisar.

A construção do Castelão e a integração dos clubes potiguares dentro do recém-criado Campeonato Nacional de Clubes⁷ recoloca o significado do torcer dentro de uma nova estética que envolve também a construção de uma identidade potiguar e de identidades clubistas que visam contrapor-se a identidades de outros espaços e de outros clubes.

Por outro lado, como coloca Pesavento utilizando-se do método de Walter Benjamin que se vale “do cruzamento de imagens contrárias, obter a revelação da coerência de sentido de uma época” (PESAVENTO, 1999, p.19) adentramos neste momento a realidade do futebol do subúrbio que nos possibilita pensar mais a fundo o papel das classes populares dentro do esporte e da sociedade natalense do período. Além disso, o campeonato do subúrbio nos é interessante por permitir trazer a tona projetos de esportividade não hegemônicos.

Assim nos é muito importante a constatação da existência de um campeonato dos subúrbios paralelo ao campeonato da cidade, contando com relativo espaço nas páginas da cobertura esportiva dos jornais, com o apoio de importantes figuras políticas do

⁵ Everaldo Lopes informa que o projeto de construção de um grande estádio para Natal remonta a primeira administração do prefeito Djalma Maranhão iniciada em 1956 (CARDOSO, 2006, p.265-266).

⁶ Termo de autoria do governador Cortez Pereira.

⁷ O Abc FC disputou seu primeiro Campeonato Brasileiro em 1972 e o América FC em 1973.

estado, e de setores da Igreja Católica demonstrando que as atividades realizadas pelos novos atores sociais da cidade (os imigrantes, principalmente do interior do estado, de condição de baixa renda) dentro do contexto das novas espacialidades (os subúrbios) interessavam diretamente ao poder público.

O termo “Campeonato Subúrbios” assim como “Futebol dos Subúrbios”, esta para designar partidas disputadas em caráter amistoso, aparecem com constância no jornal a ORDEM e se referem a uma pluralidade de práticas futebolísticas. Tais termos se referem tanto a partidas disputadas entre clubes suburbanos e entre clubes do interior do estado em caráter amistoso e esporádico, a um Campeonato dos Bairros ou Suburbano ocorrido em sua primeira edição em 1961 e patrocinado pela Rádio Católica a Emisora de Educação Rural, quanto a própria segunda divisão do Campeonato.

Assim tal futebol suburbano nos é interessante por permitir analisar quais mecanismos de hierarquia espacial estão colocados na operação de separação entre clubes da primeira divisão e os clubes que participam da segunda divisão do campeonato, mais ainda, qual o tipo de representação destes espaços citadinos é feita a partir da leitura do futebol e dos campeonatos do subúrbio.

Em nossa pesquisa nos valem prioritariamente das fontes disponíveis nos jornais – matérias e crônicas – da época: A Ordem (nos revela um olhar lançado pela Igreja sobre os subúrbios), A República (nos revela os discursos produzidos pelo poder público em torno da construção de espaços de prática esportiva e em torno da constituição de uma política pública de esportes), Tribuna do Norte e Diário de Natal. Além da disponibilidade os jornais são importante palco de discussões a respeito do universo do futebol. Nos interessa aqui, para além do aspecto esportivo, pensar o futebol (e os usos que se faz dele) enquanto construção cotidiana, configurada na relação que diferentes sujeitos empreendem com o esporte.

Palco de disputas, e constituinte de representações em torno dos usos possíveis e desejáveis do esporte por atores sociais diversos, os jornais também nos servem para analisar as disputas, os vários projetos e as práticas de intervenção efetiva no esporte. Chamamos atenção pela centralidade conferida pelo jornal a Ordem aos acontecimentos do futebol dos subúrbios, que por vezes recebe destaque igual ou maior que o campeonato de futebol oficial. Tal questão tem a ver com o olhar que a Igreja vai lançar sobre esse espaço, e se relaciona com sua atuação social e política. A ação católica e o movimento de Natal neste período buscam construir uma ação de inserção e mudança da realidade social, a partir tanto de uma atuação que dê conta dos conflitos do campo, funda-

ção do SAR – Serviço de Assistência Rural em 1964, quanto dos conflitos urbanos, fundação do SAUR – Serviço de Ação Urbana em 1969. Tal veículo lança um olhar etnográfico sobre a realidade dos subúrbios, interessando-se em mostrar ao núcleo original da cidade que uma Natal nova e estranha que se descortinava.

È a perspectiva da experiência futebolística e política e a questão da gestão identitária produzida por essas camadas populares e por esses atores suburbanos que estamos preocupados em analisar. Neste sentido Vitor Andrade de Melo através de apontamentos a respeito da obra de Thompson, propõe a perspectiva de pensar a luta política e a formação das classes populares a partir de suas práticas lúdicas e de lazer:

A vida festiva tem então seu valor reconhecido pelo autor, não só como válvula de escape, mas como manutenção da pressão, da coesão, também como subversão. Neste sentido podemos considerar os momentos de diversão como fruto de luta social, não somente pelo já apontado, como também por carregar em consonância elementos de manutenção da ordem e subversão do trabalho e da lógica de produção. (MELO, 2003, p.36)

Outra possibilidade lançada por essa leitura da obra de Thompson é a perspectiva da superação da dicotomia trabalho x lazer e a requalificação desta última categoria enquanto espaço de atuação política.

Fundar um novo clube de futebol em um bairro periférico como as Quintas, como foi o caso do Bangu FC (A ORDEM, 8 de agosto de 1950) , representa não apenas a possibilidade da construção de um novo espaço de sociabilidade e divertimento, mas permite a construção de um determinado tipo de inserção na vida política da cidade.

Em torno das pequenas sedes dos novos clubes, circulavam não apenas os jogadores e dirigentes das agremiações, mas também indivíduos interessados no apoio político dos adeptos em troca de ajudas de todo tipo, como é o caso de Humberto Nesi, Ernani Silveira e outros. Neste sentido se faz necessário pensar nas articulações entre a gestão popular do esporte e política pública de esportes no sentido de redelimitar o tipo participação política das classes populares na sociedade do período.

Analisar culturas esportivas diferenciadas dentro de uma determinada sociedade nos possibilita entender os anseios, as imagens, as vontades que circulam e justapõem projetos de esportividade diferenciados. No momento em que o Brasil se propõe a sediar

a copa do mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 projetando uma forte participação estatal na construção de uma infraestrutura de novos aparelhos esportivos, parece providencial pensar nestas propostas de esportividade passadas.

Referências

- A ORDEM. **Fundado nas quintas o Bangu FC**. 8 de agosto de 1950.
- BOUDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- CARDOSO, Everaldo Lopes. **Da bola de pito ao apito final**: memória do futebol potiguar. Natal: Ed. Do autor, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- DA MATTA, Roberto. **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DUNNING, Eric. Sobre os problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional do esporte e lazer. In: **História: questões e debates**. Paraná: Editora UFPR, n. 39, jul a dez 2003.
- FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003.
- SOUZA, Itamar de. **Migrações para Natal**: análise sociológica do processo migratório. Natal, CCHLA, 1976.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-28.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo: n. 52, 2º semestre de 2001. p. 133-166